

A PESQUISA EM ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA

Maria Luiza Tanure Alves

Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Jalusa Storch

Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Gabriela Harnisch

Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Aline Miranda Strapasson

Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

José Júlio Gavião de Almeida

Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Edison Duarte

Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Resumo

O presente trabalho discute a construção da Atividade Física Adaptada (AFA) como área de conhecimento, abordando seu desenvolvimento, objetos de estudos, métodos e resultados alcançados. Estudos epistemológicos definem a AFA como um campo de conhecimento interdisciplinar, com foco em três pontos: 1) Adaptação; 2) Diferenças Individuais; 3) Atividade Física. Há predominância pelo design quantitativo com crescimento nos estudos qualitativos. No campo da educação física adaptada, a inclusão começa a ser defendida como melhoria da qualidade de ensino para todos e não apenas para alunos com deficiência. Há necessidade de reflexão sobre o acesso e o impacto das pesquisas na prática profissional.

Palavras-chave: Pesquisa. Atividade Física Adaptada. Educação Física Adaptada.

Introdução

As pesquisas em Atividade Física Adaptada (AFA) têm como objetivos principais responder questões e problemas encontrados no campo profissional relacionados à prática da atividade física para pessoas com deficiência ou grupos especiais. Estas são responsáveis pela produção do conhecimento de determinado campo de estudo, com base em teorias, modelos, filosofias e métodos de pesquisa específicos. Desta forma, as pesquisas no campo da AFA procuram, por meio de teorias e métodos de pesquisa aceitos cientificamente, responder as questões referentes à prática de atividade física para esta população (SHERRILL; O'CONNOR, 1999).

Historicamente, é importante reconhecer que este campo de conhecimento se desenvolveu a partir de diferentes terminologias, como atividade motora adaptada, educação física

corretiva, ginástica corretiva e educação física preventiva. À medida que estes programas assumiram uma identidade pedagógica, outras denominações surgiram, tais como educação física desenvolvimentista, ginástica escolar especial, educação física especial e educação física adaptada (PEDRINELLI; VERENGUER, 2005). O desenvolvimento da área da AFA é longo, porém apenas após 1980 é que o termo tem sido internacionalmente reconhecido (SILVA; HOWE, 2012).

Atualmente, o termo AFA tem sido utilizado internacionalmente pelos pesquisadores da área como um termo ‘guarda-chuva’ para estudos em diferentes contextos de prática da atividade física para pessoas com deficiência ou populações especiais. Já o termo Educação Física Adaptada (EFA) tem sido reconhecido como uma subárea de conhecimento da AFA, sendo responsável por estudos relacionados à inclusão desta população no contexto escolar (DUARTE; WERNER, 1995; SHERRILL, 2004). Neste sentido, o presente texto pretende abordar a construção da AFA como área de conhecimento, abordando o seu desenvolvimento, seu objetos de estudos, métodos utilizados e resultados alcançados. A discussão destes aspectos permite compreender o *status quo* da área, com a reflexão dos pontos ainda falhos e as principais necessidades de investigação para melhoria das práticas relacionadas à pessoa com deficiência e a atividade física.

A Atividade Física Adaptada e a evolução como área da pesquisa

O conhecimento produzido na área da AFA é recente, sendo que estudos indicam o seu início principalmente na década de 1980. Neste período, a atenção à pessoa com deficiência foi maior; reflexo de maiores discussões sobre o tema por órgãos internacionais, e também pela definição do ano de 1981 como “Ano Internacional das Pessoas Deficientes” pela Organização das Nações Unidas (ONU) (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Neste momento surge um novo sujeito a ser pesquisado: a pessoa com deficiência. Inicialmente, as pesquisas realizadas na área da AFA eram influenciadas pelas práticas e crenças relacionadas à deficiência presente na época. Assim, sob influência do modelo médico, a deficiência era tratada como patologia ou doença a ser tratada. As pesquisas realizadas abordavam, principalmente, a atividade física como meio de reabilitação com predominância de estudos descritivos desta população e seus fatores associados com a prática da atividade física.

Internacionalmente, em 1973 foi fundada a *International Federation of Adapted Physical Activity* (IFAPA) no Canadá. Neste mesmo período, cursos de mestrado e doutorado eram estruturados no tema, de modo que o primeiro mestrado na área foi organizado por Joseph Winnick, em 1968 na *State University of New York*. No Brasil, o Simpósio Paulista de EFA em 1986 e o Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada em 1995, organizados pela Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA)¹, aparecem como os primeiros marcos para a evolução acadêmica da área (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Os estudos epistemológicos realizados no campo da AFA a definem como um campo de conhecimento interdisciplinar, ou seja, que agrega informações de diferentes disciplinas como, por exemplo, medicina, psicologia, educação. A sua característica interdisciplinar permite a criação de um campo de conhecimento único e distinto voltado para aspectos relacionados à motricidade e a pessoa com deficiência em seus vários contextos de prática (escola, clubes, academias, praças). Neste sentido, a produção de conhecimento na área da AFA tem como foco três pontos principais: 1) Adaptação; 2) Diferenças Individuais; 3) Atividade Fís-

¹A SOBAMA foi fundada em 1994, realiza eventos científicos bianualmente e tem um periódico para disseminação de estudos científicos na área (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

ca (SHERRILL, 2004; MAUERBER-DECASTRO, 2005; WINNICK, 1995; REID, STANISH, 2003).

Pesquisadores indicam que os estudos no campo da AFA se desenvolvem em diversas áreas como, por exemplo, avaliação/classificação, pedagogia, biomecânica, fisiologia, psicologia do esporte, aprendizagem/controlador motor, políticas públicas, entre outros (REID, STANISH, 2003; O'CONNOR et al., 2001; KARKALETSI et al., 2012). De forma geral, os estudos se concentram, principalmente, em três áreas principais: educacional, biológica e comportamento motor (O'CONNOR et al., 2001). Esta natureza interdisciplinar do conhecimento produzido permite a publicação de estudos de diferentes áreas, porém os periódicos *Adapted Physical Activity Quarterly* (APAQ) e *Palestra*, são os únicos reconhecidos internacionalmente como as maiores fontes de pesquisas na área. Ambos os periódicos são relacionados especificamente à área da AFA (KARKALETSI et al., 2012).

Um estudo realizado por Reid e Stanish (2000) sobre as características da área da AFA como campo de conhecimento identificou os principais aspectos presentes nos estudos realizados sobre população-alvo, métodos de pesquisa e terminologia. No que concerne a população-alvo dos estudos, esta se concentra principalmente nas pessoas com algum tipo de deficiência, destacando-se a deficiência física e intelectual. Autores americanos também consideram como população-alvo desta área de estudo as pessoas com problemas de saúde, emocionais e de comportamento. Estes dados também são observados por Karkalets et al. (2012).

Quanto aos métodos utilizados, Reid e Stanish (2003) identificaram diferentes instrumentos, escalas e questionários. Estes compõem em grande parte métodos de pesquisa quantitativos com amostragem dos participantes de forma não aleatória. No entanto, a pesquisa de Karkalets et al. (2012) indica crescimento nos estudos qualitativos e nos estudos de caso, haja vista que estes são compreendidos como uma forma de aprofundamento do conhecimento em determinada área.

Com relação aos modelos e teorias empregadas, estas ainda são apontadas como um ponto falho. Reid e Stanish (2003) identificaram um reduzido número de teorias utilizadas pelos autores. Neste ponto, muitos estudos falham em apresentar sua fundamentação teórica e hipóteses investigadas. Para os autores, a área da AFA se utiliza de teorias de outras áreas de conhecimento, carecendo ainda de teorias próprias. Karkalets et al. (2012) identificaram a teoria da autoeficácia, de Bandura (1997), e a teoria da autodeterminação, de Wehmeyer (1998), como as mais utilizadas pelos autores da área.

Outro item relevante diz respeito à terminologia utilizada. Os estudos realizados na área da AFA apresentam terminologia diversa entre seus autores. Esta se associa com outras áreas como educação especial, educação física e a reabilitação. O consenso no uso da terminologia ainda é um problema, sendo um reflexo de diferenças culturais, de diversos termos utilizados nos documentos oficiais publicados e da própria mudança na concepção e nos valores associados à deficiência (PORRETA; LABANOWICH; NESBITT, 1993).

Os estudos desenvolvidos sobre esta área de conhecimento no Brasil demonstram um crescimento dos trabalhos publicados sobre o tema. No entanto, Cidade et al. (2001) apontam dificuldades para publicação dos trabalhos. No Brasil, apenas a Revista da SOBAMA é relacionada exclusivamente com o tema. Internacionalmente, a publicação de trabalhos por autores brasileiros no periódico APAQ é rara. A maior parte dos autores responsáveis pelas publicações desta revista são provenientes dos Estados Unidos, Canadá e Europa (KARKALETSI et al., 2012).

Silva (2009) identificou os progressos alcançados pela área da AFA no Brasil. Apesar de ainda ser uma área recente, os estudos neste campo estão delineados em diferentes áreas científicas como a saúde, a reabilitação, o esporte, a educação, a psicologia e as políticas públicas. Acompanhando os caminhos seguidos internacionalmente, os estudos iniciais se delimitaram sob um viés médico com a busca da compreensão da deficiência e sua relação com a

atividade física. Em um segundo momento, o foco voltou-se para os programas de atividade física e sua adaptação para a participação das pessoas com deficiência. No momento atual, a preocupação volta-se para a pessoa com deficiência. As pesquisas buscam dar voz para a sua população-alvo, buscando validar e melhorar as práticas defendidas. Neste ponto, mais do que a adaptação dos programas de atividade física para esta população, almeja-se o seu desenvolvimento sob o conceito de desenho universal. No conceito de desenho universal, projetos, produtos, serviços e ambientes são estruturados, na medida do possível, para o uso de todas as pessoas. Contudo, auxílios específicos de acordo com a necessidade individual também não são excluídos.

Educação Física Adaptada e as pesquisas desenvolvidas

A Educação Física Adaptada (EFA) como subárea de conhecimento específico, dentro do campo da AFA, é responsável pelo estudo dos processos relacionados à inclusão do aluno com deficiência na Educação Física Escolar. Os estudos realizados neste campo procuram responder os questionamentos e problemas encontrados pelo professor de Educação Física para a aprendizagem e participação efetiva do aluno com deficiência nas suas aulas. Neste ponto, estes estudos não têm apenas o aluno com deficiência como população-alvo, mas toda a comunidade escolar, com professores, auxiliares e alunos sem deficiência.

Seu objeto de estudo é o processo de inclusão de alunos com deficiência e os fatores associados com a sua participação e aprendizagem nas aulas de Educação Física. Para tanto, os autores da área se utilizam de diferentes teorias da área educacional e da psicologia. No entanto, estudos internacionais neste campo baseiam-se em diferentes escalas e questionários validados, porém os estudos nacionais empregam principalmente métodos de pesquisa qualitativos, com uso de entrevistas. As escalas e os questionários adotados internacionalmente poderiam ser utilizados no contexto educacional brasileiro através de um processo de validação para a cultura local.

Neste campo de estudo, duas pesquisas de revisão (BLOCK; VOGLER, 1994; BLOCK; OBRUSNIKOVA, 2007) permitem uma visão abrangente da área. No trabalho de Block e Vogler (1994), poucos estudos foram encontrados. Muitos destes ainda abordam conceitos de integração com foco em alunos com deficiências leves e nas atitudes de professores. No estudo de Block e Obrusnikova (2007), os trabalhos publicados já atingiam uma maior quantidade, revelando um crescimento no conhecimento produzido.

Block e Obrusnikova (2007) descrevem que os estudos sobre a EFA são desenvolvidos em grande parte por meio de métodos qualitativos e, assim, ampliaram sua abrangência sobre os seguintes temas: 1) Suporte; 2) Efeitos/consequências sobre os alunos sem deficiência; 3) Atitudes e intervenções dos alunos sem deficiência; 4) Interação Social; 5) Participação do aluno com deficiência na aula; 6) Formação e atitudes dos professores de Educação Física. Desta forma, pode-se observar que o objeto de estudos da área da EFA não se restringe apenas ao aluno com deficiência, mas ao processo inclusivo como um todo, no qual toda a comunidade escolar está envolvida.

De maneira geral, os resultados de Block e Obrusnikova (2007) traçam um panorama geral sobre o conhecimento produzido na área de EFA. Assim, a inclusão é descrita como possível desde que com o devido suporte e sem prejuízos para o aluno sem deficiência. No entanto, a inclusão ainda não é uma realidade para todos os alunos, haja vista que alguns estudos ainda relatam seu isolamento social (ALVES; DUARTE, 2013). Um dos maiores problemas para a inclusão ainda é a formação inicial e a capacitação continuada dos professores de Educação Física, as quais ainda são precárias e não conseguem responder os problemas encontrados pelos professores durante as suas aulas. Munster (2013) afirma que os professores de Educação Física não sabem o que e como fazer para a inclusão de alunos com deficiência.

Outro ponto de destaque nas pesquisas em EFA é a mudança no foco dos estudos de inclusão, onde há uma preocupação maior em dar voz ao aluno com deficiência. Estes estudos são capazes de identificar os pontos falhos durante o processo de inclusão a partir do ponto de vista do próprio aluno com deficiência. Esta nova perspectiva permitiu compreender aspectos relevantes como a recusa de participação pelo aluno com deficiência quando as adaptações nas atividades exacerbam suas limitações (ALVES, 2013).

Em outro estudo, Munster, Rossi e Fernandes (2012) avaliaram a produção científica na área da AFA por meio dos diretórios dos grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os autores descrevem que grande parte dos grupos de pesquisa na área tem como foco de estudo a “ciência do exercício”. Os grupos de estudos na área de EFA representam apenas 9% do total. Apesar do aumento do número de grupos de estudo na área, os resultados demonstram ainda uma queda na quantidade de publicações sobre o tema desde 2007. Neste ínterim, a produção do conhecimento na área de EFA ainda é um problema para o seu desenvolvimento.

Considerações Finais

Um dos pontos de destaque na discussão sobre a AFA como área de conhecimento é a distância entre as pesquisas produzidas na Universidade e a realidade do professor de Educação Física. Alguns questionamentos importantes nesse sentido são: o conhecimento produzido na área é acessível e útil para o professor de Educação Física nos seus diversos contextos de atuação? No âmbito escolar, esse conhecimento produzido pode alterar a prática profissional do professor favorecendo a inclusão do aluno com deficiência?

Estas são preocupações que devem estar presentes desde o processo de formação inicial, onde as pesquisas devem ser compreendidas como fonte adicional de informações. Os estudos delineados e seus resultados devem buscar a resolução dos problemas encontrados pelo profissional de Educação Física para a promoção da prática da atividade física nos seus variados contextos de atuação, seja em clubes, escolas, academias ou em espaços públicos. Como exemplo, podemos citar os estudos no campo da educação física escolar (BLOCK; OBRUSNIKOVA, 2007; FIORINI; NABEIRO, 2013) que demonstram que a tutoria nas aulas de Educação Física na escola é capaz de direcionar as condutas do professor para a promoção de aulas mais inclusivas. Estes resultados levam o professor de Educação Física a começar a buscar caminhos para a tutoria nas suas aulas objetivando a inclusão do seu aluno com deficiência. A pesquisa científica, com suas teorias e métodos, não deve ser compreendida como algo distante da prática profissional, mas como essencial para a sua concretização.

Outro ponto essencial para discussão é o acesso aos estudos realizados. Estes, em grande parte, têm sua publicação concentrada em periódicos de acesso restrito a Universidades e seus pesquisadores. Professores de Educação Física sem vinculação ou envolvimento com a Universidade não tem acesso ao conhecimento gerado por estes estudos, impedindo que o objetivo de melhoria da prática pedagógica não seja alcançado. O limitado número de periódicos relacionados ao tema, tanto nacional quanto internacionalmente, também reflete esta dificuldade. Entre estes, apenas a revista da SOBAMA tem acesso livre.

A reflexão sobre estes aspectos não deve abranger apenas estudos na área da EFA, mas em todo o campo da AFA. Apesar de ser uma área de estudo recente, seu crescimento demonstra as demandas presentes nos diferentes campos de atuação do profissional de Educação Física junto à população com deficiência. No entanto, é fundamental que estes estudos avancem do patamar descritivo das diferentes práticas de atividade física desenvolvidas e caminhem para a resolução de problemas concretos ainda presentes, como o difícil acesso a programas de atividade física fora do contexto escolar com reflexos na iniciação esportiva.

Um avanço importante na área é o estudo sob a perspectiva da própria pessoa com deficiência. Este tipo de abordagem possibilita a compreensão dos aspectos relacionados à prática da atividade física e revela fatores subjetivos fundamentais para concretização da inclusão. Sob esta perspectiva, a inclusão também é defendida como uma experiência subjetiva que está associada ao senso de pertencimento e importância no grupo (STAINBACK; STAINBACK, 1999). Outro avanço relevante diz respeito à ampliação do conceito de inclusão defendida atualmente em âmbito internacional. Nesta, a inclusão deixa de ser uma preocupação apenas para a população com deficiência, e começa a ser compreendida como um processo de aceitação da diversidade e remoção das desvantagens para todos (BOOTH; AINSCOW, 2002).

Desta forma, a área da AFA ainda está em crescimento como campo de conhecimento e são necessários avanços na definição das teorias e dos métodos utilizados, bem como uma reflexão sobre o alcance efetivo dos estudos realizados pelos profissionais atuantes. A pesquisa científica e seu conhecimento produzido se justificam pelas demandas do campo profissional, atuando como base fundamental para o seu avanço e resolução de problemas.

RESEARCH ON ADAPTED PHYSICAL ACTIVITY

Abstract

The text discusses the construction of Adapted Physical Activity (APA) as an area of knowledge, addressing its development, objects of study, methods and results achieved. Epistemological studies define APA as an area of interdisciplinary knowledge, focusing on three points: 1) Adaptation; 2) Individual Differences; 3) Physical Activity. Quantitative design studies predominate, but the number of qualitative studies is increasing. In the field of adapted physical education, inclusion has been understood as an improvement in the quality of education for all and not just for students with disabilities. It is necessary to re-think the access and impact of research in professional practice.

Keywords: Research. Adapted Physical Activity. Adapted Physical Education.

LA INVESTIGACIÓN EN LA ACTIVIDAD FÍSICA ADAPTADA

Resumen

Este trabajo discute la construcción de la Actividad Física Adaptada (AFA) como área de conocimiento, enfocando su desarrollo, sus objetos de estudio, sus métodos y los resultados alcanzados. Estudios epistemológicos definen la AFA como un campo de conocimiento interdisciplinar, centrándose en tres puntos: 1) Adaptación; 2) Diferencias individuales; 3) Actividad Física. Predomina el diseño cuantitativo, con crecimiento en los estudios cualitativos. En el campo de la educación física adaptada, la inclusión comienza a ser defendida como sinónimo de mejoría de la calidad de la enseñanza para todos y, no sólo para los estudiantes con discapacidades. Se necesita reflexión sobre el acceso y el impacto de las investigaciones en la práctica profesional.

Palabras clave: Investigación. Actividad Física Adaptada. Educación Física Adaptada.

Referências

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. A exclusão nas aulas de Educação Física: fatores associados com participação de alunos com deficiência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 117-137, jan./mar. 2013.

ALVES, M. L. T. O aluno com deficiência visual nas Aulas de Educação Física: Análise do processo inclusivo. 2013. 88 f. Tese (Doutorado em Atividade Física Adaptada). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

BANDURA, A. **Self efficacy: the exercise of control**. New York: W. H. Freeman &Company, 1997.

BLOCK, M.; VOGLER, W. Inclusion in regular physical education: The research base. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v. 65, n. 1, p. 40-44, 1994.

BLOCK, M.; OBRUSNIKOVA, I. Inclusion in Physical Education: a review of literature from 1995-2005. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 24, p. 103-124, 2007.

BOOTH, T.; AINSCOW, M. **Index for Inclusion: developing learning and participation in schools**. Bristol: Centre for Studies in Inclusive Education, 2002. Disponível em: <<http://www.eenet.org.uk/resources/docs/Index%20English.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S.; PEDRINELLI, V. J. **Encontro Pré-Congresso de Professores de Educação Física Adaptada de Instituições de Ensino Superior: Relato**. Temas em educação física adaptada / Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada. [S.L.]: SOBAMA, 2001.101 p.

DUARTE, E.; WERNER, T. **Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências**. In: Curso de Atividade Física e Desportiva para Pessoas Portadoras de Deficiência: Educação à Distância. Rio de Janeiro: ABT: UGF, 1995, v. 3.

FIORINI, M. L. S.; NABEIRO, M. Um estudo sobre a intervenção com o professor de Educação Física para a inclusão educacional do aluno com deficiência visual. **Revista da Sobama**, v. 14, p. 21-26, 2013.

KARKALETSI, F.; SKORDILIS, E.K.; EVAGGELINO, C.; GRAMMATOPOULOU, E.; SPANAKI, E. Research trends in Adapted Physical Activity on the base of Apao Journal (2006-2010). **European Journal of Adapted Physical Activity**, v. 5, p. 45-46, 2012.

MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade Física Adaptada**. São Paulo: TECMEDD, 2005.

MUNSTER, M. A. van.; ROSSI, P.; FERNANDES, E. F. Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq: Análise da Produção Científica em Atividade Física Adaptada. **Revista da Sobama**, v. 13, n. 2, p. 18-24, 2012. Suplemento.

MUNSTER, M. A. Inclusão de estudantes com deficiências em Programas de Educação Física: adaptações curriculares e metodológicas. **Revista da Sobama**, v. 14, p. 27-34, 2013.

O'CONNOR, J.; FRENCH, R.; SHERRILL, C.; BABCOCK, G. Scholarly productivity in Adapted Physical Activity Pedagogy: abibliometric analysis. **Adapted Physical Actively Quarterly**, v. 18, p. 434-450, 2001.

PEDRINELLI, V. J.; VERENGUER, R. C. G. Educação Física Adaptada: introdução ao universo das possibilidades. IN: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade Física**

Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. São Paulo: Manole, 2005.

PORRETA, D. L.; LABANOWICH, S.; NESBITT, J. Terminology Usage: a case of clarity. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 10, p. 87-96, 1993.

REID, G.; STANISH, H. Professional and disciplinary status of Adapted Physical Activity. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20, p. 213-229, 2003.

SHERRILL, C.; O'CONNOR, J. Guidelines for improving Adapted Physical Activity research. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.16, p. 1-8, 1999.

SHERRILL, C. **Adapted Physical Activity, recreation and sport: Cross disciplinary and Lifespan**. New York: McGrawHill, 2004.

SILVA, R. F. **Atividade Motora Adaptada:** o conhecimento produzido nos programas *Stricto Sensu* em educação Física, no Brasil. 2009. 280f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Atividade Física Adaptada, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2009.

SILVA, C. F.; HOWE, D. Difference, Adapted physical activity and human development: potential contribution of capabilities approach. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 29, p. 25-43, 2012.

STAINBACK, W.; STAINBACK, S. Colaboração, rede de apoio e construção de comunidade. In: _____; _____. (Org.). **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

WEHMEYER, M. L. Self-determination and individuals with significant disabilities: Examining meanings and misinterpretations. **The Journal of the Association for Persons with Severe Handicaps**, v. 23, n. 1, p. 5-16, 1998.

WINNICK, J. **Educação Física e esportes adaptados**. São Paulo: Manole, 1995.

Recebido em: 08/03/2016

Revisado em: 28/11/2016

Aprovado em: 02/01/2017

Endereço para correspondência:

malu@fef.unicamp.br

Maria Luiza Tanure Alves

Universidade de Campinas

Cidade Universitária Zeferino Vaz

Barão Geraldo, Campinas - SP, 13083-970